

extraído da antologia

TEATRO DO QUOTIDIANO

QUADROS FAMILIARES DE UM QUOTIDIANO HABITADO

1ª série

NOITE BRANCA

itinerário para uma viagem ao mundo num acto

PEQUENO ESCLARECIMENTO PARA NOITE BRANCA

Noite Branca é um texto e um espectáculo em que a aparência é transformada, dialecticamente, em real. Trata-se de um texto exemplar em que a dialéctica se propõe efectivamente como modelo metódico de dinâmica da transformação. E porque esta operação dialéctica, sublinho, que realiza a transformação do aparente no real se desenrola, aqui, num texto (neste caso de teatro ou espectáculo), ela tem necessariamente de envolver dois níveis: o nível da estrutura do texto e o da temática. A temática de Noite Branca insere-se no ponto de choque entre o envolvimento social (questão de classe) e a consciência individual da destruição que esse envolvimento ou pressão de um poder determinam. É este, também, mais um nível dialéctico da proposta de Noite Branca, porque faz desenrolar um conflito, precisamente, em que a consciência dos dois protagonistas - Armando e Margarida - procura oper-se, em graus diferentes, à pressão da situação.

Neste sentido, Armando, que se revela mais confessionalmente ao longo do texto, apresenta um itinerário consciente mais denso do que o de Margarida, e tipifica, assim, o herói ou o protagonista clássico cuja carga de consciência ou pathos é directamente proporcional à queda no fim do conflito. Margarida situa-se paralela e diferentemente, num monólogo decisivo, "ofende-te o brio de corno! Se o mundo cospe e se engasga... é evidente, problemas de mulheres!" que é, também nela, a voz da consciência individual, menos sensibilizada do que Armando, porque é uma peça mais visível da engrenagem, como prostituta. (No ser prostituta é mais ostensiva a condição de oprimido do que no ser motorista, uma vez que a prostituição da prostituta terá de cessar ao começar a sua luta de desopressão, pois envolve um sistema de valores e não só uma questão profissional, enquanto que o motorista pede não ser, desde logo, em consciência (lutando, portanto um oprimido). Margarida só atinge empiricamente, digamos, o menor grau de consciência que lhe seria objectivamente possível e é com este menor grau que o autor joga, por fim, didacticamente, projectando-o e amplificando-o, de modo a constituir um leque de dados que permitirão ao espectador constatar mais reflectidamente aquilo que a ironia empírica de Margarida já enunciara como ponto chave. Crei que esse ponto ou cruzamento explica a luta entre Armando e Margarida, que é expressa, simbolicamente, em torno de uma mesa de matraquilhos luta em que se defronta a derrota individual de Armando (isto é o seu derrotismo, por sua vez recuperado na forma de opressão possível de Margarida) e a denuncia inoperante, por parte de Margarida, da sua situação de

ser-sem-escolha.

Eis a chave temática de Noite Branca: uma peça didática, em que o autor opera sobre uma notícia de jornal desfocada - isto é que apresenta uma questão real sob o nome de uma questão aparente - e, partindo da proposta falsiada, portanto opressora: "questão de mulheres" como sentido da análise de Noite Branca, demonstra, precisamente o que ela não é. Peça didática, em que o aparente é reduzido operativamente ao real, a uma dialética que evidencia a oposição opressores/oprimidos: opressão de classes e opressão interindividual entre os papéis ou funções sociais quando a consciência da luta contra o opressor comum não existe, realizando-se, apenas, um conflito estático de competição, em que "não há lugar nesta estrada para dois camiões como os nossos".

A transformação da aparência em real (que é uma das operações dialéticas por excelência, volte a sublinhar", ao nível da estrutura levou o autor a partir de uma situação clássica, cujas raízes mergulham em algum teatro americano (Miller, por exemplo), desenvolvendo o conflito em termos de itinerário do protagonista clássico, sem, no entanto, o deixar cumprir a sua situação de protagonista: decurso e queda ou salvação. Digamos que o nível temático e, sobretudo, o propósito didático, rompem a proposta classicista, apresentando um protagonista que surge por outro que se perde e realizando assim uma continuidade que anula o momento de desfecho, fim necessário à estrutura clássica um novo protagonista roda na estrada um duplo fim articula a mensagem do texto: apontam-se nitidamente formas ou indícios (a encenação pederá aumentar ou diminuir a carga dos sinais) de que é possível, pe-lo menos (o que é já uma questão de fundo) transformar uma visão aparente numa perspectiva real.

Fiama Hasse Pais Brandão

IN MEMORIAM

a Bento Mântua e Odon Von Horváth
realistas do seu e "nosso mau tempo"

PERSONAGENS POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA

ARMANDO - Motorista de camioões, 39 anos

MARGARIDA - (A GUIDA) Prostituta de estrada, 24 anos

TIO CELESTINO - Proprietário do Bar, 50 anos

COZINHEIRA - Uma velha "coruja"

SILVA - (O ALGARVIO) Motorista de camioões, 28 anos

MOTORISTA FERRE COLEGA A TIRO POR «PROBLEMAS DE MULHERES»

UM indivíduo de apelido Silva, de 27 anos, motorista de táxi, mais conhecido pelos colegas de serviço por «Brasileiro», atingiu a tiro, no pescoço, o seu colega Armando Cirilo França Nóbrega, de 39 anos, por «problemas de mulheres».

A agressão verificou-se ontem, por volta das 8 horas da manhã, no bar da Autocoop — cooperativa de táxis —, à Praça das Águas Livres, em Lisboa, cooperativa a que ambos pertencem. Armando Nóbrega encontrava-se já no bar quando o «Brasileiro» entrou e, ao que nos disseram na cooperativa, praticamente não houve discussão, tendo logo o Silva puxado da pistola, «se é que não vinha já com ela na mão». As coisas foram tão rápidas que as pessoas presentes não tiveram tempo de intervir nem de evitar o pior. Uma delas ainda disse: «Tem calma "Brasileiro", tem calma.»

De acordo com testemunhos que recolhemos de trabalhadores da Autocoop, o incidente verificado não tem nada a ver com a cooperativa, nem sequer com o aspecto profissional dos intervenientes.

«São problemas de mulheres, coisas que já vinham de trás. Não tem nada a ver com questões de serviço», disseram-nos nas instalações da cooperativa, acrescentando:

«Ele já vinha com um copito. A troca de palavras que houve foi muito breve, nem deu possibilidade de se intervir. Claro que o que o «Brasileiro» fez aqui também o faria no Rossio ou em qualquer lado.»

8/1/78
C-1/78

DO CENÁRIO E INTRODUÇÃO

Um pequeno bar em tudo igual aos muitos que pululam as bermas das estradas. Ao fundo, limitando quase todo o comprimento da cena, o balcão. Em redor, bancos de pé alto, alguns dos quais estão partidos. À esquerda alta, encostados às paredes, duas máquinas americanas de jogar, (caça - moedas) com muitas mulheres semi-nuas pintadas. Ao lado, à esquerda baixa, uma mesa de matraquilhos.

Quase junto às máquinas, ladeando o balcão, duas portas. Numa, vê-se pendurada uma boneca (uma lavadeira) e na outra, um boneco (um campino). São os W.C's. No lado oposto, está uma outra porta que dá para a cozinha.

À direita alta, vemos uma máquina de discos. À direita baixa, em cima de uma mesa de pés altos, a televisão. Entre a máquina e a televisão, abre-se a porta para a estrada. No centro da cena, mesas de restaurante. Numa delas, defronte da T.V, jantam Armando e Margarida. Ambos comem o clássico bife com ovo a cavalo. Seguem atentos ao programa na televisão. Sobretudo a mulher. Celestino limpando os copos e a velha cozinheira espreitando através do postigo que dá para o balcão - o mundo por uma fechadura - seguem também como que hipnotizados a telenovela da hora do jantar. A telenovela em questão, é o "Amor de Perdição" de Camilo Castelo Branco. O episódio desta noite reporta-se ao final do capítulo XVI, quando Domingos Botelho manda chamar à sua presença a amante do seu filho Manuel - a açoriana. Um silêncio absorvente povoa todo o bar, entrecortado unicamente pelos diálogos televisivos. (É fundamental que o público ouça distintamente os diálogos do folhetim, ou outros, transmitidos pela T.V.) Armando que viu só três ou quatro episódios, intrigado, questiona:

ARMANDO - (Não parando de comer) Quem é aquela?

MARGARIDA - Não sabes? É a amante do Manuel...

ARMANDO - (Chateado) Sei lá quem é o Manuel!

MARGARIDA - É o irmão do que está preso.

ARMANDO - E quem é que está preso?

MARGARIDA - Também não sabes? Depois explico-te...

ARMANDO - Depois, não! Agora..!

MARGARIDA - Já te disse! Quando acabar, conto-te tudo... deixa-me ver...

ARMANDO - (Agarrando-a com força pelo braço) E eu? Não vejo nada ?

MARGARIDA - (Indica com a cabeça a televisão) Olha!

ARMANDO - Se não percebo. (Magoando-a) Quem é o preso?

MARGARIDA - (Vingando-se) Queres saber? Estão ambos presos!

ARMANDO - Ambos? Chiça! Não percebo nada! (Virando-se para trás procura socorrer-se do taberneiro. Este, olha-o de frente e compreendendo a sua interrogação, responde-lhe a talhe de foice, não vá perder pitada do enredo)

CELESTINO - Isto são folhetins para mulheres, sr. Armando! (Apontando depois para Margarida) Deixe-a comer em paz. O que elas têm é fome.

ARMANDO - (Virando-se para ela) Danada! (De novo para Celestino) Com que então é só para mulheres! Não me diga que você agora deu em...

CELESTINO
~~XXXXXXXXXX~~ Com ela em frente que ^{hei-de eu fazer} ~~XXXXXXXXXX~~,...

COZINHEIRA - (Benzendo-se) Jesus! Foi um raio ^{que caiu} naquela família! Jesus... Mulheres!

ARMANDO - Gatas.

CELESTINO - (Incomodado pelos diálogos, repreende quem pode) Cale-se, sua velha! Deixe-nos ouvir. Chague-me a fruta, que o Sr. Armando já acabou de comer.

COZINHEIRA - (Pouco se incomodando, afasta-se por segundos sem desviar os olhos do aparelho. Resgungando) Ei! Que coisa! Já o diabo não pode esperar! (Pousando a fruta no postigo) Mulheres... Sempre essas galdérbas...

Faz-se de novo um silêncio intimidativo entrecortado somente pelos diálogos televisivos. Armando acaba de comer p bife. Celestino sem tirar os olhos da T.V, vai ao postigo e de lá retira um prato com duas laranjas. Em vez de servir o seu cliente, pousa o prato a seu lado no balcão. O freguês que se levante. Armando que ouviu o taberneiro pedir a fruta e não a vê chegar, olha para trás para ver o que se passa. Concluindo que ninguém o vai servir, levanta-se aborrecido.

ARMANDO - (Batendo com a palma da ^{mão} ~~mexx~~ na mesa) Merda! Quando é que acaba esta porcaria?

Ninguém lhe responde, a não ser a esposa do doutor Domingos Botelho que lê em voz alta a carta do marido dando-lhe notícias de Manuel. Olha para a T.V, depois para Celestino e depois para Margarida. Esta num relance, procurando tranquilizá-lo, estende o braço, agarra a mão deste e lânguidamente obriga-o a sentar-se.

MARGARIDA - Isto está a acabar... Deixa-nos ouvir, querido. Senta-te! Vês! Já está tudo resolvido. Vão soltá-lo... (Dá-lhe um beijo de fugida na cara)